

CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO COTIDIANA: um olhar sobre o foco do fazer jornalístico

CONSTRUCTION DE L'INFORMATION QUOTIDIENNE: un regard sous l'optique du faire journalistique

**Eveline Filgueiras Gonçalves¹
Bernardina Maria Juvenal Freire²**

Resumo

Analisa a construção de informação cotidiana, na perspectiva das relações profissionais no contexto da Redação Jornalística, especificamente na editoria cidades. Metodologicamente adotou-se a abordagem qualitativa na perspectiva etnográfica, priorizando os aspectos descritivos por vezes comparativos dos dados, associados à análise de conteúdo na vertente bardaniana.

Palavras-chave:

**INFORMAÇÃO
INFORMAÇÃO COTIDIANA**

1 INTRODUÇÃO

O texto relata os resultados da pesquisa desenvolvida em nosso Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia, realizado na Universidade Federal da Paraíba, e teve como objetivo geral compreender como se constroem as informações cotidianas na perspectiva das relações profissionais, no contexto da Redação Jornalística, especificamente na editoria de cidades. Adotou-se como estratégia metodológica a abordagem qualitativa na perspectiva etnográfica, priorizando os aspectos descritivos, por vezes comparativos, associada às contribuições da análise de conteúdo na perspectiva bardaniana.

2 Tecendo os fios da informação para entrelaçar o cotidiano

De maneira empírica, podemos dizer que, quando fazemos uma pergunta, estamos pedindo uma informação; quando assistimos à televisão, ouvimos o rádio e/ou lemos jornais e revistas, estamos absorvendo informação; quando acessamos a internet, movimentamos a conta bancária em um terminal eletrônico, escrevemos uma carta, acenamos para alguém, estamos lidando com algum tipo de informação. Assim, cotidianamente usamos e transmitimos informação. Isso nos leva a dotar o discurso de Gomez (1996, p. 292) ao afirmar:

¹ Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba e Bibliotecária da UFPB; Vencedora da Região Nordeste no Concurso TCC 2003 promovido pela ABECIN

² Coordenadora do Programa de Patrimônio, Documentação e Memória do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional-NDIHR/UFPB, Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB – Campus I e Orientadora do trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia

A informação é compreendida como um operador de relações. (...) A informação, sendo um operador de relação, ‘carrega’ em sua própria operação a relação social. Ela é quem situa o acontecimento informacional no tempo e no espaço, estabelece o locus de sua realização como cultura, como memória, como função de potência ou como produção de poder. A relação social ancora em posições de poder as possibilidades culturais da informação, assim como a circularidade da relação cultural organiza as formas mínimas de tradução da informação entre os diversos discursos sociais.

Nessa perspectiva, é possível perceber que a informação é capaz de provocar uma transformação no modo de ser e estar no mundo (PINHEIRO, 2001). Em razão disso, a noção básica de informação está, a nosso ver, atrelada à própria definição etimológica da palavra que se deriva do latim *informare*, que significa dar forma, colocar em forma, criar, representar, construir uma idéia ou noção. A essa definição etimológica podemos perceber dois significados: o de atribuir forma a alguma coisa e o de atribuir sentido ao comunicarmos a representação criada.

Assim sendo, podemos inferir que a informação advém de uma ação (dar forma e atribuir sentido), mas não há uma descrição (definição) do ato de informar, do objeto desse algo sobre o qual a ação de informar age. Como afirma Ruyer (1972, p. 3), “a informação em si torna-se então um meio, a ação que ela desencadeia, ou o controle, tornam-se o fim, [...] seu sentido de uma informação não é mais que o conjunto de ações que ela desencadeia.”.

Um segundo sentido gramatical é através da morfologia, ou seja, interpretação por intermédio da formação da palavra/fonema. O vocábulo informação é formado do prefixo *in*, mais o radical *form* e o sufixo *ção*. Sabemos que o prefixo *in* significa movimento para dentro, posição interna, passagem para um estado, tendência e/ou direção para um ponto. O sufixo *ção* indica ação ou resultado dela. Ação é um vocábulo (substantivo feminino) de origem latina *-actione-* que, no verbo e no substantivo, expressa processo e atividade. Já o radical *form*, também de origem latina, possui vários significados, dentre os quais: limites exteriorers, maneira, estado, estrutura. Aqui percebemos seu significado morfológico, que é a ação ou processo interno de uma estrutura. Nesse sentido, Wiener (apud MACGARRY, 1999, p. 3) coloca que informação é o termo que designa o conteúdo daquilo que permutamos com o mundo exterior ao nos ajustarmos a ele, e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido. Acrescenta Miller (apud MACGARRY, 1999) que “Informação é algo de que necessitamos quando nos deparamos com uma escolha. Qualquer que seja seu conteúdo, a quantidade de informação necessária depende da complexidade da escolha”, ou seja, informação refere-se não apenas ao que se diz, mas àquilo que poderia ser dito, é semelhante à medida da liberdade da escolha quando se seleciona uma mensagem.

Nesse campo conceitual de influência doutrinária da teoria da informação ou comunicação, como é costumeiramente denominada, a informação sofre uma variação de atributos, denotando-a como sinônimo de fato, ou elemento redutor de incertezas, variações de cunho metafórico e análogo que exprime explicações próprias, daí registra implicitamente a informação como um elemento de transformações ou redução de incertezas. Esse significado nos faz resgatar a definição de Brookes (1980, p. 209) quando equacionou o seguinte:

[...] a informação é um elemento que provoca transformações nas estruturas. Assim, quando se envia uma mensagem (conjunto de informações) a um ser consciente, baseada num código conhecido tanto pelo sujeito-emissor como pelo sujeito-receptor, esta mensagem pode ser interpretada e, a partir daí, adquirir sentido.

Fessard (*apud* GOLDMANN 1970, p.63-64) ressalta que a informação só tem sentido se existir um receptor capaz de decodificá-la. Portanto, há informações que podem ser decifradas pelo interlocutor e ainda a informação que cada um decifra para si mesmo, isto é, a possibilidade analítica dos sujeitos envolvidos.

Com esse raciocínio, Macgarry (1999, p.11) afirma que a informação precisa ser ordenada, estruturada ou contida de alguma forma, do contrário, permanecerá amorfa e inutilizável. Assim, a informação precisa ser representada de alguma maneira e transmitida de alguma forma, ou seja, qualquer outro meio dentro de si mesma, precisando, portanto, de uma forma de veículo com atributos essencialmente compreensíveis pelo receptor, que o autor determina como sinais, signos e símbolos.

Os sinais, no contexto da comunicação, é a parte material e perceptível por meio da qual se representa a idéia a ser comunicada. As palavras da linguagem verbal, os traços e cores da linguagem visual, as expressões faciais e os gestos dos mímicos, a entonação de vozes dos atores são exemplos de sinais da comunicação.

O signo é a unidade constitutiva da mensagem. Compõe-se de uma idéia representativa (significado) e de uma parte material e perceptível (sinal ou significante) que expressa esse significado. Segundo Pierce *apud* Souza (1995, p.103), "um signo é algo que, sob certo aspecto ou de alguma modo, representa alguma coisa para alguém".

Um sinal se converte em signo quando é capaz de representar uma idéia para alguém. E isso só é possível porque outro alguém empregou esse sinal com a intenção de transmitir um significado. A associação de um significado provável ao sinal relacionado depende da existência de um código, de uma convenção socialmente compartilhada pelos agentes que participam do ato comunicativo.

Quando alguém emprega, intencionalmente, um sinal sensível, quer seja uma palavra, uma imagem, um gesto, um som, e por meio dele espera transmitir e compartilhar informações, conhecimentos e emoções, é necessário que esse alguém esteja preparado para reagir ao sinal da mesma forma com que espera que outros indivíduos o façam. Só assim é possível fazer com que o sinal utilizado como elemento de linguagem estabeleça um significado comum e, portanto, compartilhado. Todos os significados desse processo social de interação são ao mesmo tempo, causa e efeito da conversação interminável que os homens mantêm entre si e consigo mesmo.

O símbolo é o signo que se associa a objetos por convenções especiais, assim como ocorre com os sistemas verbais de linguagem e outras associações de idéias que são efetivas em determinados grupos por força de lei cultural. Um ícone é um signo que se assemelha àquilo que significa; que denota um objeto em virtude de certas características próprias que produz, em si, tal qual uma imagem fotográfica. Um índice (ou indicador) é um signo que se refere ao seu objeto em razão de ver-se afetado por ele, tal como a fumaça indica a existência do fogo. Símbolo, ícone e índice são variantes do signo, através dos quais a linguagem se constrói e a comunicação entre os homens se processa.

A linguagem faz parte de um processo social que se transforma continuamente. Linguagem, comunicação e pensamento compõem o pano de fundo do cenário humano sobre o qual se constrói a cultura.

2.1 INFORMAÇÃO E COTIDIANO: a relação que (in)forma ou (de)forma?

Retomando a questão conceitual de informação, para se construir a informação cotidiana, há que se considerar o entendimento teórico de *cotidiano*, cujas bases teóricas estão balizadas na Teoria do Cotidiano, mas especificamente no cotidiano de Heller.

Mas, afinal, o que é *cotidiano*? Sabemos que este vocábulo é de origem latina – *quotidianu* - que significa aquilo que se faz ou ocorre todos os dias ou o que sucede ou se pratica habitualmente. Empiricamente, entendemos o cotidiano como uma visão pertencente ao individual e ordinário, ou seja, relativo ao homem comum. O cotidiano é interpretado como senso comum, como um saber fazer para saber viver, sempre utilitário e prático, tradicionalmente visto sem levar em conta as questões de vivência.

Porém pensadores da teoria clássica sociológica entendem que há uma relação dialética entre a vivência individual e a social. Os conceitos de Émile Durkheim (1858-1917) sobre fato social, de Max Weber (1864-1920) sobre ação social, e de Karl Marx (1818-1883) sobre classe social (GALLIANO, 1981, p.52-109) são apresentados como tentativas de explicar essa relação, dando ‘início’ a um movimento teórico que postula ser a realidade humana construída coletivamente. É através das chamadas situações sociais, que só podem ser entendidas como situações coletivas, e, portanto, só podem ser explicadas pelas relações que indivíduos ou grupos de indivíduos estabelecem entre si, mas que não podem ser compreendidas se as tomarmos isoladamente.

Buscamos investigar de que forma a parte orgânica – organização do trabalho, do fazer jornalístico - da cotidianidade se relacionam, no contexto da redação do Jornal da Paraíba, no sentido de desvendar aspectos até então não aprofundados dessa profissão. A perspectiva de se estudar a realidade concreta, como a da redação do Jornal da Paraíba, direciona-se para esse grupo de indivíduos que realizam a história. Portanto, são situações que não dizem respeito apenas à ação individual. São situações cujas causas não são encontradas na natureza ou na vontade individual, mas na sociedade, nos grupos sociais ou nas ações sociais que as condicionam. O fundamental é o relacionamento entre indivíduo e sociedade. São os problemas do dia-a-dia de sua vida em sociedade, ou seja, uma série de conhecimentos adquiridos na prática de como agir em situações coletivas. Como propõe Lutfi: “o que buscamos conhecer é a estrutura da vida cotidiana e a vivência desse cotidiano, a que chamaremos cotidianidade”. (2003, p. 2).

De acordo com Luckács *apud* Albuquerque (2003, p. 3), há três formas privilegiadas de objetivação nas quais os procedimentos homogeneizadores superam o cotidiano: o trabalho criativo, a arte e a ciência. Segundo o autor, essas esferas se destacam graças a um longo processo histórico de complexa diferenciação, através do qual adquiriram autonomia e legalidade própria. Essa tendência dialética fundada por Luckács foi continuada por Henri Lefebvre, Lucien Goldman, Karel Kosic e Agnes Heller. Para Heller (1970), há quatro formas de superação da cotidianidade: o trabalho, a arte, a ciência e a moral.

O traço da cotidianidade permeia as classes sociais e não é característico de uma delas, é uma permanência. Utilizaremos as categorias apresentadas por Agnes Heller, que considera o cotidiano como terreno favorável ao não esclarecimento, ao conformismo e apresenta, como categorias de análise da estrutura da vida cotidiana, a espontaneidade, o pragmatismo, o economicismo, a fé e a confiança, a analogia, o uso de precedentes e a imitação (HELLER, 1970, p.29-36).

A espontaneidade - Para a autora, a espontaneidade é a característica 0e da vida cotidiana; a espontaneidade colocada em oposição ao refletido, ao planejado, ao organizado, ao estruturado. Nem toda atividade cotidiana é espontânea no mesmo nível, mas a espontaneidade é a tendência da atividade cotidiana irrefletida e espontânea no sentido de

envolver a menor energia: uma vida com ritmo fixo, com repetição das ações, a rigorosa regularidade, a rotina.

Em Heller (1970), o cotidiano tem como forte característica a rotina que, por sua vez, impõe às pessoas a necessidade imediata de uma reação que pode apresentar-se fragmentada em sua espontaneidade, no pragmatismo e na generalização ou no preconceito, culminando em alienação dos sujeitos. Entretanto a possibilidade de suspensão da vida cotidiana, de passar do meramente singular, ocorre no que Heller chamou de ‘dimensão humano-genérica’, onde há a superação dialética da particularidade e as ações visam ao bem comum, e não, ao benefício individualizado.

O pragmatismo - Na vida cotidiana, o homem atua na base da probabilidade, da possibilidade. E, entre suas atividades e as conseqüências delas, existe uma relação objetiva de probabilidade. Não se pode calcular com segurança a conseqüência possível de uma ação. Entretanto, esse não é método das ciências. Em nossa cotidianidade, trabalhamos com o ‘caso-médio’ e a ‘segurança suficiente’. Trabalhamos com as considerações probabilísticas ao atravessarmos uma rua. Se fôssemos fazer todos os cálculos, não conseguiríamos atravessá-la. Essa ação implica risco da ação baseada na probabilidade, mas não se trata de risco consciente, e sim, de risco imprescindível e necessário para a vida, enquanto que, nas ciências, os passos são planejados e conscientes.

O economicismo - A ação realizada sobre a base da probabilidade indica o economicismo da vida cotidiana. Nela, toda categoria de ação e do pensamento manifesta-se e funciona exclusivamente enquanto é imprescindível para a simples continuação da cotidianidade. Na vida cotidiana, buscam-se resolver os problemas com o menor desgaste de tempo e de trabalho.

Por esses exemplos, vemos que as idéias necessárias à cotidianidade não se elevam ao plano da teoria, do mesmo modo que a atividade cotidiana não é práxis; na atividade cotidiana, é possível falar de unidade imediata de pensamento e ação. Para a autora, a atividade prática do indivíduo só se eleva ao nível da práxis quando for atividade humana consciente.

A fé e a confiança - Elas desempenham na vida cotidiana um papel mais importante que nas demais esferas da vida. Isso não significa que a fé e a confiança sejam aqui mais intensas do que em outros campos, pois a fé religiosa costuma ser mais intensa, mais incondicional, assim como a confiança tem significação maior na ética ou na atividade política. Dado que o pensamento cotidiano é pragmático, cada uma de nossas atividades cotidianas faz-se acompanhar por uma certa fé ou confiança. O estímulo à investigação, à autonomia, à iniciativa é postura de quem quer romper com a cotidianidade. E não se mexe com a confiança e a fé sem que haja conflito.

A analogia - O recurso ao pensamento analógico decorre de que em nossa vida cotidiana maneamos com o singular, sempre enfrentamos situações singulares. Para resolver os problemas, temos de subsumir o singular do modo mais rápido possível, relacionando-o com algo mais universal. Temos que encaixá-lo em nossa atividade cotidiana, em suma, temos que resolver o problema. Mas não temos tempo para examinar todos os aspectos do caso singular, nem mesmo os decisivos. É necessário situá-los o mais rapidamente possível sob o ponto de vista da tarefa colocada. É assim, por exemplo, que se recorre à analogia a uma situação já conhecida.

O juízo analógico provisório é inevitável no conhecimento cotidiano dos homens, mas fica o perigo de se tornar definitivo, cristalizar-se. Embora inicialmente o tratamento grosseiro do singular não seja prejudicial, pode converter-se num dano irreparável ao conservar-se após ter cumprido sua função.

A superação da cotidianidade, da alienação, envolve a discussão dos dados que se tem em uma situação singular. Se usamos apenas o pensamento analógico e não o pensamento antitético, nunca avançaremos em nosso conhecimento, pois tudo se reduz ao já conhecido, o que leva à alienação da vida cotidiana.

Os precedentes - Ao vivenciarmos a produção industrial em uma fábrica, nossa tendência é explicar a situação, segundo nossa visão de mundo. Acreditamos na teoria social para poder entender realmente o que ocorre. Não é apenas vendo uma realidade que tomamos consciência dela, pois a interpretamos segundo padrões que podem provocar equívocos. Algo parecido ocorre no caso do uso de precedente. Ele tem importância para o conhecimento da situação, é um indicador útil para nosso comportamento, para nossa atitude.

Berge & Luckmann (1996, p.36) ilustram a perspectiva da cotidianidade nas ciências humanas e assim definem a vida cotidiana:

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem as suas vidas, mas é um mundo que se origina na passagem e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real para eles.

Para os autores, a realidade da vida cotidiana é a realidade por excelência.

O homem se vale de suas ações tornadas habituais, nas suas objetivações, e a institucionalização da ação serve de referência para seu acervo geral de conhecimentos, auxiliando-o na tomada de decisões vivenciadas no cotidiano. Intrinsecamente relacionada, a ordem social só existe se a atividade humana continuar a produzi-la. A vida cotidiana aparece, então, como uma realidade interpretada pelos homens e por eles dotada de sentido quando organizam um mundo decifrável e coerente com elementos rotineiros ou mesmo quando integram novos conceitos à rotina diária. Suas ações requerem, fundamentalmente, um desvelamento do processo dialético que ocorre entre subjetividade e objetividade, ou seja, a objetividade da vida do indivíduo se torna subjetiva, e essa subjetivação se objetivará através da sua ação. O que quer dizer que os indivíduos em conjunto produzem seu ambiente, com a totalidade de suas formações psicossociológicas e culturais e, dentro dessa configuração, o ser humano se vale de ações tornadas habituais.

Dentro da mesma linha de pensamento - tendência dialética - Lefebvre (1991) e Heller (1970) entendem que o mundo humano se define pela mediação da vida cotidiana. Não sendo possível conhecer a sociedade envolvente sem conhecer a vida cotidiana, assim como não é possível conhecer a cotidianidade sem o conhecimento crítico da sociedade. Lefebvre vê na cotidianidade o perfil do mundo moderno urbano, que se configura como um mundo de manipulações. Para ele, a ideologia instala-se sobre a realidade vivida como um mecanismo que escamoteia os verdadeiros interesses das pessoas e que são travestidos em representações enganosas de sua efetiva situação. Essa arrematadora capacidade é exercida em função da situação desprotegida da cotidianidade, da realidade mais concreta de vida dos indivíduos.

Apesar das diferenças entre Heller e Lefebvre, pode-se verificar que ambos apontam para saídas semelhantes. Se Heller supõe que a historicidade da vida cotidiana é caracterizada como lugar dialético onde convivem submissão e rebeldia, repetição e criatividade, Lefebvre supõe que as forças de consolidação de um espaço - tempo estão cada vez mais programadas e controladas em relação às forças que se opõem a esse mesmo processo no mundo moderno urbano. Mas em Heller, a vida não cotidiana, marcada pelas atividades da dimensão humano-

genérica, pode superar dialeticamente a cotidianidade, e em Lefebvre, as atividades, que chamou de ‘superiores’, presentes no não cotidiano, nascem dos germens contidos na vida cotidiana e a ela retornam confirmando sua validade. Residem aí suas similaridades.

É no âmbito da teoria crítica que encontramos os fundamentos teóricos para o estudo do cotidiano - Lukács, Gramsci, Marcuse e Habermas, ao enfocarem a alienação da sociedade capitalista, mostram como se constrói o cotidiano nesse tipo de sociedade. A realidade não existe num sentido materialista, mas numa relação histórica com o homem que a modifica.

O interacionismo afirma que o mundo simbólico é construído nas interações entre duas ou mais pessoas. O interacionismo funcionalista de Simmel vê o cotidiano através do ordenamento da sociedade retratando o homem e o processo dentro do qual se estrutura um tipo: “Todos os eventos banais, exteriores, são, finalmente, ligados por fios condutores às opções finais, referentes ao sentido e ao estilo de vida” (SIMMEL *apud* MAFFESOLI, 1995. p.65) ; ao contrário da sociologia fenomenológica de Schutz que, utilizando as contribuições de Weber e de Husserl, procura a tipificação do sujeito no mundo da vida; ao contrário do estruturalismo radical de Althusser, em que a dialética é um processo sem sujeito e que assume a existência de um mundo real concreto e externo ao indivíduo e à sua consciência, o humanismo se fundamenta no pressuposto da liberdade do espírito humano e enfatiza a idéia de que o homem cria e sustenta socialmente sua realidade, na vida cotidiana. Como tão bem coloca Albuquerque (2003, p.3-4),

A vida cotidiana tem se insinuado como um dos centros motores das atuais possibilidades de transformação da sociedade. [...] se insere na história, se modifica e modifica as relações sociais. Mas a direção destas modificações depende estruturalmente da consciência que os homens portam de sua essência e dos valores presentes ou não em seu desenvolvimento.

3 INFORMAÇÃO COTIDIANA

Como discutimos anteriormente, o conceito de informação designa em sua essência a interpretação efetuada entre emissor e receptor, sobretudo se a considerarmos como um elemento modificador de estruturas acrescido da ação do receptor ante a situação do receptor que também sofre as influências do contexto, conforme alerta Morin (1986). Todavia, no campo conceitual, a informação se apresenta como um elemento ambíguo, cheio de subjetivismo inerente a todo testemunho, agregado à criação e produção de valores e funções sociais (XIFRAS-HERAS, 2003). Nessa perspectiva, Xifras-Heras coloca que a informação se define em razão principalmente do seu ‘fim’, e não, pelo seu objeto, sobretudo se colocada sob a ótica da comunicação social. Entendendo por ‘fim’, uma dimensão que caracteriza como ‘universalidade’ (XIFRAS-HERA, 2003, p.2), razão que o autor estabelece às possíveis classificações do fenômeno informativo, determinando-o quanto ao conteúdo real, à fonte de procedência, à tipologia persuasiva da informação e aos fins ou propósitos .

Para o autor, a informação, manifestada em seu conteúdo real, apresenta um tríplice aspecto:

- a) informação do que ocorre com o próprio homem, enquanto base do acontecimento;
- b) informação das relações passivas do homem com o mundo exterior, baseada na observação empírica;
- c) e a informação das relações afetivas do homem com os demais que se reflete em manifestações intelectuais.

Esse aspecto tríplice revela seu lado dinâmico, trazendo um diferencial em sua essência, tendo em vista que o conteúdo informativo consegue distinguir uma informação histórica, comunicadora de fatos produzidos no decorrer do devir histórico-social de uma

informação atual, que se revela no acontecer cotidiano, como também de uma informação prospectiva, àquela relacionada com os dados, os fatos e as opiniões e sua dimensão futurista.

Ainda considerando o aspecto da classificação, principalmente em relação à fonte de procedência, a informação pode ser identificada como:

- 1) oficial, considerada quando procedente dos poderes públicos, contrapondo-se à oficiosa, relativa a grupos privados;
- 2) formal e informal, aquela cuja divulgação está vinculada aos meios formais de comunicação, a exemplo do rádio, da televisão, do jornal etc. E a informal quase sempre vinculada a boatos ou outras fontes como conferências etc;
- 3) clandestina, ocorre como forma de contrariar uma proibição oficial, ou seja, quando o divulgado não revela a procedência do conteúdo;
- 4) oral, escrita, icônica ou cifrada, cuja variação ocorre em detrimento do canal que a transmite.

Já em relação à tipologia persuasiva da informação, três manifestações são consideradas até o presente: a publicidade, a propaganda e as relações públicas. A primeira opera no domínio dos produtos e dos serviços, estimulando no público o desejo e a necessidade dos mesmos, operando de maneira eminentemente comercial; a segunda procura atender o campo das idéias e dos programas de maneira sugestiva e interessada. Ambas se constituem conjuntamente no esforço condicionador, controlador de opiniões e comportamento dos sujeitos nos campos ideológico e comercial. A terceira manifestação, caracterizada pelas relações públicas, configura-se como um instrumento de comunicação, cujo objetivo se pauta no uso da informação orientada, buscando consolidar uma boa imagem da instituição junto às relações humanas.

Quanto ao propósito, elemento considerado no processo classificatório da informação, esta pode ser didática ou recreativa, artística, científica, técnica, social, política, religiosa, histórica, instrumental, documental, desinteressada e, por fim, a informação cotidiana, objeto específico deste estudo. Entendemos informação cotidiana na ótica de Xifra-Heras (2003), que a conceitua como sendo aquela que se difunde mediante meios de comunicação de massa, ou seja, um conjunto de acontecimentos que se sucedem ininterruptamente, adjetivada por duas características essenciais: a atualidade e a periodicidade. Assim coloca o autor: ‘transmite os fatos, os acontecimentos e atualiza a comunicação humana no espaço e a perpetua no tempo’. Nesse mesmo direcionamento, Voyenne (*apud* XIFRA-HERAS, 2003, p. 4) “assevera que ela une os indivíduos e os grupo de um modo quase permanente e cada vez mais universal” .

Nessa perspectiva, podemos inferir que a informação cotidiana é definida, orientada para satisfazer uma necessidade humana, é a informação que mantém contato com o mundo, com o cotidiano, ou melhor, é o conteúdo que sacia a curiosidade de saber permanente difundindo certo “conteúdo simbólico a um público amplo, heterogêneo e geograficamente disseminador” (JANOVITZ & SCHULZE *apud* XIFRA-HERA, 2003, P.4).

Weiss (*apud* XIFRA-HERAS, 2003, p. 4) define informação cotidiana como sendo aquela que se vincula

às estruturas, formas e efeitos da informação pública e permanente de conteúdos de consciência atuais, de interesse geral em todos os setores do conhecimento, objetivando tornar públicas as notícias, comentários e sensações numa coletividade e induzi-la a orientar seu comportamento segundo determinados valores reais ou presumidos.

Analisando a colocação de Weiss, percebe-se o objetivo central da informação cotidiana que consiste em (in)formar ou fazer saber, atraindo para si a função (in)formadora ou pedagógica, ultrapassando, desse modo, seu aspecto meramente jornalístico, favorecendo outras atividades como o entretenimento, a publicidade e a integração social. A análise em torno da questão revela, na visão de Xifra-Heras (2003), alguns atributos que constituem esse tipo de informação: atualidade, notoriedade, interesse geral, universalidade e periodicidade.

3.1 ATRIBUTOS DA INFORMAÇÃO COTIDIANA

Entende-se por atributo aquilo que a constitui em sua própria essência, ou seja, aquilo que a torna e a faz diferente de outras categorias de informação. De modo que a informação cotidiana é assim caracterizada por Xifra-Heras (2003, p.8-13):

a) Atualidade – é o atributo essencial da informação cotidiana. O jornalista contempla o presente, para divulgar o conhecimento dos novos fatos que fazem parte do ‘agora’ ou, excepcionalmente, fatos passados que se descobrem e difundem pela primeira vez, ou ainda, que recuperam atualidade em função de novos acontecimentos.

Porém deve-se observar que nem tudo quanto é atual, tudo quanto acontece ‘aqui e agora’, e de interesse jornalístico, mas apenas o conteúdo mínimo que é capaz de atrair, ocupar e preocupar a maioria das pessoas.

b) Notoriedade - A informação cotidiana se dirige a uma coletividade mais ou menos ampla, o público, isto é, a maioria ou a minoria do povo que presta atenção aos fenômenos de interesse geral, julgando-os com ativa convicção.

c) Interesse geral - Outra característica da informação cotidiana é o interesse geral. O jornalismo deve centralizar-se nos acontecimentos que afetam o interesse público, afastando-se dos interesses privados, mesmo que sejam de uma coletividade; deve orientar-se para o que é suscetível de impressionar ou de beneficiar o maior número possível de indivíduos.

d) Universalidade - A informação cotidiana é, por essência, universal, tanto no conteúdo quanto na projeção. No primeiro aspecto, é uma informação integral, que abrange a atualidade em sua dupla dimensão espacial e temática, ao passo que a tendência geral de nossa sociedade, nos domínios da profissão, da ciência e da técnica, orienta-se para a especialização, para campos cada vez mais restritos. Eis que se observa no mundo do jornalismo o fenômeno contrário: aspira-se a oferecer uma visão de toda a atualidade, com a grande riqueza de conteúdos que encerra.

e) Periodicidade - A periodicidade é também uma característica da informação cotidiana. Os acontecimentos significativos ocorrem no momento mais imprevisto. Sua difusão, para efetuar-se com a necessária exigência de rapidez, requer instrumentos adequados ao ritmo do tempo, em consonância com uma regularidade cada vez mais vertiginosa. A periodicidade não é apenas a repetição, mas a manutenção de um vínculo permanente entre o comunicador e o público, já que a compreensão da notícia costuma requerer o conhecimento de fatos prévios, apresentados em edições anteriores.

3.1.1 INFORMAÇÃO COTIDIANA: nos bastidores da construção

O processo de produção da informação cotidiana é complexo, e seu ponto de partida é a pauta. Desde que surge um indício de notícia, formula-se uma pauta. As etapas estancas

do processo – pauta, trabalho de campo (reportagem) e entrevista, redação e edição são regidas pelas cinco leis: atualidade, notoriedade, interesse geral, universalidade e periodicidade. Nenhuma pauta é processada se não abarcar essas leis, ou seja, o fato gerador da pauta tem que ter a qualidade de atual, universal, notoriedade, interesse geral e manter nível de ritmo de presença, através da periodicidade.

Notícia é todo fato relevante que desperta interesse público. Como diz Noblat (2002, p.31), “a notícia está no curioso, não no comum; no que estimula conflitos, não no que inspira normalidade; no que é capaz de abalar pessoas, estruturas, situações, não no que apascenta ou conforma; no drama e na tragédia, e não, na comédia ou no divertimento”.

Como tipo da comunicação social, a informação cotidiana segue um processo integrado por um conjunto de atos que se sucedem desde que ocorre o fato noticiável até a sua chegada ao universo receptor, como aponta Xifra-Heras (2003, p.13-15):

- a) Acontecimento ou fato atual – que se constitui a matéria-prima da notícia, ou seja, o objeto da mensagem informativa;
- b) Coleta – o fato é captado por um emissor, que o codificará em linguagem informativa adequada para possibilitar-lhe a difusão;
- c) Seleção - a informação coletada é submetida a um trabalho de seleção e a um primeiro tratamento (de fundo e de forma) realizado por uma equipe de peritos, que preparam a difusão das notícias, levando em conta a natureza do meio, as peculiaridades dos destinatários e os controles que exercem pressão sobre o material noticioso;
- d) Reelaboração – para ser divulgada para o público, o jornal funciona como um organismo que desempenha tripla função: recebe a informação, seleciona-a e elabora-a, difunde-a a seus clientes;
- e) Construção da informação - elaboração definitiva da mensagem, de modo a tornar-se acessível ao público tanto pela apresentação como pela formulação do meio de informação;
- f) Divulgação - Submete-se à informação a processos de múltipla reprodução, quer em forma de palavras (faladas ou escritas), quer de sons ou de imagens, para oferecê-la a um público cada vez mais numeroso. A organização para difusão a longo alcance acha-se condicionada por um complexo de estruturas técnicas e comerciais, em constante renovação. A informação circula hoje com intensidade crescente. E tal dinâmica, recebendo o impulso das descobertas tecnológicas, obriga as empresas a se adaptarem e enriquecerem, pois o êxito de todo meio de comunicação é proporcional à sua rapidez, conteúdo e adequação ao público;
- g) Recepção - Finalmente, a informação chega ao universo receptor, constituído por um público heterogêneo, anônimo e aberto. Esse público decodifica e interpreta a informação recebida, assimila-a e, o que é mais importante, parte dele reage ao impacto da mensagem, dando início a um processo de retroação, de capital importância para o emissor.

A informação cotidiana é aquela que incide em todas as facetas da vida do homem, condicionando-lhe as atitudes, as opiniões e o comportamento, onde a transcendência, a complexidade e diversidade dos problemas que suscita e a inesgotável riqueza da temática que sugere.

4 CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO: ANÁLISE NA PRÁTICA DO COTIDIANO

Para tentarmos compreender como se constrói a informação cotidiana no fazer jornalístico, achou-se necessário tecer algumas considerações sobre o conceito de construção de informação, que na ótica de Barreto (1994, p. 4), configura-se como sendo “estruturas significantes, [que] se operacionalizam através de práticas bem definidas e se apóiam em um processo de transformação orientado por uma racionalidade técnica que lhe é específica”. Esse raciocínio leva-nos a pensar a construção da informação numa ação voltada para uma relação de poder, estrategicamente encaminhada, vivenciada pela indústria de produção da informação e que, portanto, abrange uma racionalidade eminentemente técnica (FREIRE, 1999), que envolve construtores de informação (repórteres, contadores de histórias reais), mercado e máquina. Nesse entendimento, a construção da informação se configura, sobretudo no fazer cotidiano dos jornalistas, conforme passamos a analisar.

HILDEGARD

Ao fotografar o batalhão de choque da polícia militar, em sua atuação inibidora frente à manifestação dos estudantes contra o aumento do valor das passagens de transporte coletivo urbano da capital, ao focar a câmara fotográfica, um rosto veio em sobressalto, um policial vestido a caráter, rosto sisudo, talvez imposto pelo papel ali desempenhado.

“Ao focá-lo, o reconheci”.

Aquele não era um policial comum, mas o homem que, desnudo do uniforme, transforma-se num amante sensível das orquídeas e do trabalho voluntário.

“Ao reconhecê-lo, não podia fotografa-la de frente, estampar seu rosto no jornal”.

Como num passe de magia, a lente ousou focar o inverso.

“Fotografei-o de costas”.

A imagem tomada registra o diferencial daquele sujeito que, no exercício de agente inibidor de ações, realiza-o de forma incomum, pois é o único a ostentar como arma uma câmara filmadora. Historiando, cumprindo mais um de seus papéis, esse elemento que ampara nas mãos uma filmadora nos chama atenção por não ser um instrumento de repressão normalmente usado por esses profissionais.

Hildegard, ao revelar sua atuação profissional, declara que a informação por ela construída ocorreu de maneira filtrada, selecionada, retirada como essência daquele sujeito, tendo em vista que, ao se deparar com o fato, ela evidenciou a participação do batalhão sem revelar a face do policial que, na vida cotidiana, representa mais um agente de transformação social do que efetivamente um coibidor de ações.

PAULA

Em busca de dados que contribuíssem para a construção da informação cotidiana, são pautados Paula e Iamn, para cobrirem nova manifestação dos estudantes que se concentram em frente ao Lyceu Paraibano.

“Era uma manifestação com poucos estudantes que, na busca de resultado, ficavam sentados no asfalto para impedir o trânsito”.

Grupo desorganizado desceu a Lagoa (Parque Solon de Lucena), fez a volta e retornou para o ponto de concentração com o intuito de aguardar os companheiros de protesto que vinham da Av. Epiitácio Pessoa. Logo viram uma manifestação que vinha da Epiitácio, e o líder eufórico grita:

“Lá vem nossos companheiros da Epiitácio”.

Todos correm ao encontro dos companheiros, como numa espécie de saudação pela luta coletiva. Os repórteres caminham a passos largos em direção ao grupo que vem da Epiitácio e, silenciosamente, gesticula, levanta os braços em sinal de protesto. Ao se aproximarem, percebem que o grupo, ora anunciado como partícipe do movimento estudantil, era de um outro movimento, ali estava na busca de outras conquistas, anunciadas na faixa de frente que registrava.

Todos ficaram perplexos e confusos. A repórter, cansada, suada e de faces rubras, percebe a incompletude do esforço. Agora outra informação se faz construir. Atônita, lembrou:

“E agora, ninguém da redação está pautado para cobrir essa passeata, vai ter que ser eu.”

Diante do inusitado, olha para uma companheira de profissão, repórter de um jornal concorrente, e questiona:

“Mulher, e agora, como é que a gente vai entrevistar surdo se não sabemos a linguagem deles?”

Paula, na busca de dados para construção de uma informação prevista, cobertura jornalística da passeata de estudantes, vê-se com a possibilidade de ter uma informação a mais, todavia a expectativa da produtora de informação depara-se com uma grande barreira, o domínio da linguagem utilizada por esse grupo social (surdo). Ao perceber sua impotência diante do novo fato que se apresentava, revelou:

“Eu só sei o alfabeto e nem todas as letra.”

O flagrante do fazer diário é recheado de vários elementos, qualificando o cotidiano como um verbo que pode expressar ação, estado, qualidade e existência, que são superados pela própria espontaneidade do exercício profissional, ou seja, ao repetir suas ações diárias, busca e apuração de informação, observando e/ou comprovando no momento em que está acontecendo, essa ação padronizada serve de referência para seu acervo de conhecimento, auxiliando-a a ter uma reação para superar as dificuldades surgidas, visando ao bem comum que, neste caso, é o crescimento do jornal, ao trazer mais uma informação. Aqui recordamos a teoria de Heller, que aponta o trabalho como uma das quatro formas de superação da vida cotidiana.

“Sai batendo nas costas de cada um que passava na busca de alguém que eu pudesse entrevistar, mas ninguém me entendia e eu não entendia ninguém. E os surdos lá, fazendo sinais. Em cima de um carro de som, tinha um cara com um microfone, e todos os demais gesticulando, fazendo sinais. Acho que aquele era o único que falava”.

Mas o atributo da própria vida que se manifesta como que por instinto, sem premeditação ou desvios, ali se revela no aparecimento de um sujeito que compreende a angústia da repórter e realiza a própria função desta, ao ser mediano entre o fato e aquela profissional.

“Aí vinha um homem numa moto e, vendo nosso desespero, parou e passou um papel contendo informações sobre a passeata e forneceu um número de telefone onde poderia pegar mais detalhes”.

Aquele sujeito salvador da situação não é um cidadão qualquer, mas também construtor de informação (professor de Matemática) e ali estava no empenho para conquista de vagas para alunos surdos nas escolas, onde os mesmos buscam a inclusão social. E como os acontecimentos sucedem.

“E aí a passeata passou”.

Os componentes do movimento estudantil dispersaram-se, reagruparam-se e retornaram para a frente do Lyceu Paraibano, ponto de partida daquela manifestação, voltando a impedir o tráfego de veículos. Ao bloquearem o trânsito, deixaram um automóvel de um laboratório de análises clínicas preso. O motorista tentou fugir do engarrafamento passando por cima da calçada e foi multado. Revoltado e conhecedor da noção exata de sua responsabilidade no cumprimento das especificações para o transporte de material oriundo do organismo humano destinado à análise, convocou a imprensa para mostrar sua carga preciosa e precíval e que, por esse motivo, não podia ficar ao sol, e, ao tentar defendê-la, foi multado.

Interpretando o comportamento do motorista ao invocar os jornalistas como testemunhas de um ato de que acreditava ser vítima, percebemos a importância, o valor e o aval que ele dá àquele que trabalha como porta-voz dos que dela são privados/isentos. Percebemos a qualidade de credibilidade e segurança que depositamos nos profissionais que registram e historiam os fatos, fazendo valerem nossos direitos e justificando nossos atos, legitimando e/ou desculpando nossas ações desviadas do dever. Notamos ainda que a prática da busca da informação não acontece apenas de maneira passiva; o repórter não apenas observa o desenrolar dos fatos, pelo contrário, pois esses profissionais têm a oportunidade de interferir nos acontecimentos.

“Nós entramos na briga tentando explicar para os estudantes a necessidade de deixarem o carro passar. Acabou que os estudantes cederam. (...) A guarda explicou que multou como forma de impedir que outros motoristas fizessem o mesmo, mas iria retirar a multa” (Paula).

O tempo passa, 45 minutos para ser mais exato, e os companheiros que vinham da Av. Epitácio Pessoa não chegavam. Os manifestantes decidem levar o protesto avante, mesmo sem o reforço tão esperado. Descem a lagoa em direção ao shopping popular Durval Ferreira para convocar os camelôs ali instalados e seguem juntos em protesto para a prefeitura, pois se consideravam prejudicados pelo governo municipal.

“Todos nós estamos sendo vítimas da prefeitura” (líder dos estudantes).

Nesse percurso, houve briga entre os grupos de estudantes que estavam presentes na manifestação. O viaduto servia de palco para mais um espetáculo (ato público); a população, de cima, como espectadores em seus camarotes, assistia àqueles atores sociais que cantavam em coro:

“Pior prefeito do mundo, pior prefeito do mundo, me tira da escola, me bota na rua e me chama de vagabundo” (estudantes).

Chegando em frente à Loja Durval Ferreira, voltaram a sentar no asfalto quente. Nesse momento, chega o batalhão do choque, exatamente 50 homens.

“Eu contei 25 soldados do batalhão do choque de um lado da rua e 25 do outro” (Paula).

A cavalaria também vem concorrer/apresentar-se/cooperar para a garantia da segurança da população. Os manifestantes, ao declararem publicamente as razões que justificassem seus atos ou fundamentassem o que acreditavam ser seus direitos, ficavam inconformados com a presença daquela corporação de órgãos e instituições incumbidas de fazer cumprir a ordem, a disciplina e a segurança pública. Através de insultos, demonstravam essa insatisfação.

“Estudante tem uma coisa de ser agredido. Passou um policial, nem tocou na estudante e ela gritava: bate em mim, vai bate ... você me agrediu ... uma confusão só. O policial nem viu, olhando para frente estava, olhando continuou” (Paula).

Passados 30 minutos de tentativa para convencer os comerciantes instalados no shopping popular Durval Ferreira a se juntarem a eles e seguirem em protesto para a prefeitura, foram frustrados por não conseguirem a adesão e participação dos mesmos, mas, não se dão por vencidos e passam a alegar que ali estavam em aguardo aos companheiros que vinham da Av. Epiácio Pessoa.

Decididos, seguem em protesto em direção ao prédio da prefeitura. O batalhão de choque e a cavalaria acompanhando de perto. Chegando ao destino, postaram-se à entrada da prefeitura e iniciaram novos protestos, gritos de guerra e exigindo serem recebidos pelo prefeito.

Em meio a toda essa confusão, no exercício de suas profissões, quer seja como guardiões da segurança pública (policiais) ou guardiões do registro escrito (jornalistas) em que se relata o que ali ocorria, alguns ainda acham inspiração e disposição afetiva em relação ao sexo oposto.

“Lá um dos policiais do batalhão de choque me reconheceu e perguntou:

- *Você mora no Valentina?* (Policial).
- *Você mora próximo a minha casa?* (Paula).
- *Eu não sei onde você mora (...)* (Policial).

Paula e Iamn seguem em busca de mais dados para construção da informação. Entram no prédio do comando geral para fazerem uma foto panorâmica da passeata, mas foram impedidos, pois necessitavam de uma autorização do coronel comandante do 1º Batalhão. Quando localizado, Paula o interpela:

- “- Coronel quero duas coisas do Sr.
- Pois não, pode pedir. (respondeu o Coronel, sempre amável e gentil).
 - Primeiro eu necessito de sua autorização para o meu fotógrafo subir e fazer uma foto panorâmica da passeata.
 - Ele está autorizado.
 - Mas o soldado não vai permitir que ele entre.
 - Fulano acompanhe o fotógrafo. E o que mais?
 - Agora eu quero umas informações, mas primeiro vamos para a sombra, escrever com papel branco neste sol é complicado.
 - Eu não posso sair do sol, porque tenho que dar exemplo aos meus homens que estão no sol. Vai ter que ser aqui mesmo.
 - Então tá certo. Quantos homens tem aí?
 - Duzentos.
 - Duzentos ?!
 - Duzentos e cinqüenta. Só duzentos e cinqüenta.
 - Só do Choque tem cinqüenta.
 - Como você sabe?
 - Eu contei vinte cinco de um lado e vinte cinco do outro.
 - É. Dá uns duzentos e cinqüenta, contando com eles, cavalaria e pessoal do STTrans.
 - E juntando com os que não estão fardados?
 - Pois é. Nosso objetivo é a segurança da população.”

A construtora da informação cotidiana, no exercício da sua profissão, ao investigar os acontecimentos para registrá-los, usa de sua experiência e de seu olhar para não apenas ver, mas enxergar, ou seja, não apenas conhecer e captar pela visão, mas entrever, descortinar o que está além do visível, quando não pressentir e adivinhar o que está acontecendo nas entrelinhas dos fatos e identificar o real e confirmar com sua fonte para que esta corrobore, sustente, legitime e valide a sua percepção. É necessário possuir o que estes profissionais chamam de ‘faro’ jornalístico. Podemos observar no diálogo que a voz oficial prevaleceu. Paralelamente, outros fatos se fazem acontecer.

Acompanhando a passeata, um rapaz que presta serviço à assessoria da AETC-JP - Associação das Empresas de Transportes Coletivos Urbanos de João Pessoa - registra os episódios e ocorrências que se desenrolam naquele espaço, usando uma máquina fotográfica. Um dos estudantes aproxima-se e questiona:

- “- Bicho tu é de que jornal?
- O Momento.
 - Bicho tu num é do Momento, tu tá aqui infiltrado.
 - Que história rapaz. Vai fazer teu protesto, que eu estou fazendo meu trabalho.
 - Mostre sua credencial.
 - Eu não tenho.
 - Mas todo mundo aqui tem, por que tu não tem?
 - O jornal O Momento é tão fulera que a gente não tem credencial.”

O diálogo acima evidencia que, para ser um registrador e relator dos acontecimentos diários, é necessário e indispensável possuir uma credencial, ou seja, tem que ser portador de uma procuração que lhe outorgue o direito de testemunhar para depois relatar os fatos, mesmo que praticados publicamente.

“O fotografo ficou com medo e passou a ficar próximo do batalhão de choque” (Paula).

Também podemos dizer que o jornalista tem sua credencial como uma arma defensiva contra golpes. A credencial é como um escudo e passaporte, tornando esse profissional muitas vezes reconhecido e respeitado.

Outra inferência que fazemos é que quando pessoas usam o nome de um veículo de informação inadequadamente, isso pode acarretar em informações distorcidas, comprometendo a imagem do veículo como também a do profissional, colocando a seriedade da informação cotidiana produzida em questionamento.

Os manifestantes não foram atendidos pelo representante do poder executivo municipal, partiram em busca daquela que lhe recebeu como marido. E o líder do movimento anuncia:

“Já que o prefeito não vai nos atender, vamos falar com a esposa dele”.

Seguiram para a praça João Pessoa, em direção ao Palácio da Redenção. Ali permaneceram por quase uma hora em protesto e, como não foram atendidos pela vice-governadora, dispersaram-se.

Fim da passeata. Paula segue para a redação para produzir sua informação. Iamn leva seu filme para revelar. Mesmo cansada, com bolhas nos pés por ter acompanhado toda a passeata, sente-se tranqüila para escrever.

“Você tem que ser capaz de abstrair. É isto que faço diariamente, já é automático”.

Ao chegar à redação, portando mais uma informação, além da que estava pautada, ficou feliz quando descobriu que Angélica estava pautada para fazer a matéria dos surdos. Como ela estava fazendo a matéria sem sair da redação, passou-lhe alguns dados:

“Deveria ter aproximadamente 200 pessoas, entre adultos, crianças e adolescente, em ato público, com uma faixa na mão, um carro de som, seguiam para a câmara municipal”.
Vibrei por não precisar fazer a matéria e por poder fornecer mais dados para quem estava fazendo.
Isto é normal, alguém te contar e você narrar como se tivesse visto”.

Depois de uma manhã extenuante, vivida dentro de uma passeata, rica de eventos “banais”, importantes, interiores, exteriores, pessoais, coletivos, etc., que compõem o texto da vida cotidiana todo, eis o texto jornalístico, a informação cotidiana construída por Paula:

PARAÍBA, Sexta-feira, 26 de setembro de 2003

JORNAL DA PARAÍBA

Estudantes protestam contra reajuste das passagens de ônibus

Repórter: Paula

Repórter fotográfico: Iamn

O aumento das passagens de transporte coletivo de João Pessoa provocou mais um protesto de estudantes na Capital Paraibana. Dessa vez, foram fechados vários pontos da cidade e o trânsito nas principais ruas da cidade ficou interrompido durante a maior parte do dia. O movimento foi dividido em três pontos: centro da cidade, avenida Epitácio Pessoa e bairro de Mangabeira. O maior impacto aconteceu nas imediações do Parque Solon de Lucena, onde foi realizada um volta ao redor da Lagoa, com paradas nos entroncamentos de maior circulação. O objetivo do protesto, segundo as lideranças estudantis, é a revogação do reajuste das passagens que entrou em vigor a partir da zero hora de hoje. Esse é o segundo aumento das passagens de ônibus coletivos este ano. O primeiro foi de 12% e aconteceu em junho, este último foi de 10%.

O protesto foi iniciado por volta de 8h quando um grupo de estudantes se posicionaram no cruzamento das avenidas Tabajaras e Getúlio Vargas, impedindo a passagem de veículos que vinham dos bairros da zona sul e praias. Os longos engarrafamentos obrigaram os motoristas de ônibus a desviarem o percurso, o que provocou muita confusão no trânsito e momentos de tensão, principalmente quando os condutores insistiam em passar pelos piquetes de estudantes ou sobre as calçadas.

Mais do que um protesto do movimento estudantil, a mobilização aparentava ter um cunho político-partidário. A organização do protesto foi feita pela ala jovem do Partido Social dos Trabalhadores Unificados (PSTU), o que provocou insatisfação de algumas lideranças estudantis e confusão em vários momentos. O mais tenso aconteceu no Parque Solon de Lucena, em que os organizadores acusaram os integrantes do Grêmio do Liceu Paraibano de agressão, que rebateram dizendo estarem sendo vítimas de articulação política.

Após circularem a Lagoa e impedirem a passagem de ônibus na avenida Padre

Meira, os estudantes voltaram para a frente do Liceu Paraibano, onde aguardavam a chegada do movimento vindo da avenida Epitácio Pessoa. Após algum tempo, decidiram descer em direção ao shopping popular Durval Ferreira, com o objetivo de chamar a atenção dos comerciantes para engrossar o movimento e seguir para a prefeitura com o intuito de falar com o prefeito Cícero Lucena.

Antes de chegar no shopping foram surpreendidos com a chegada mais de 50 homens do Batalhão de Choque e Cavalaria da Polícia Militar, que acompanharam o protesto até a dispersão. Em frente ao shopping foi realizado um ato público. Sem a adesão dos comerciantes, os estudantes seguiram para o novo prédio da prefeitura e realizaram um novo ato. Como não foram recebidos por nenhuma autoridade municipal, seguiram em direção ao Palácio da Redenção com o objetivo de falar com a governadora em exercício, Lauremília Lucena.

Um efetivo de cerca de 250 homens da Polícia Militar, entre Choque, Cavalaria e Superintendência de Transportes e Trânsito (STTrans) fizeram a segurança durante a mobilização. Sem maiores atropelos, o protesto foi considerado tranquilo.

Coordenada - Prefeito não volta atrás com relação ao aumento das passagens

O movimento não sensibilizou o prefeito Cícero Lucena. Segundo a Secretaria de Comunicação da prefeitura, os estudantes são livres para protestar, mas não serão recebidos pelo prefeito para discutir uma suposta revogação do aumento nas tarifas. A justificativa é que o assunto foi discutido junto ao Conselho Tarifário, que tem representação estudantil, antes de ser homologado.

O secretário de comunicação, Carlos César, disse que as reivindicações dos estudantes já foram atendidas e que o movimento de hoje é político-partidário, portanto, foge à responsabilidade do poder público municipal.

Os estudantes reconhecem que 5, das 7 reivindicações propostas foram atendidas, mas querem a revogação do reajuste e o passe livre para estudantes fardados, a exemplo do que acontece em outras capitais do Brasil.

Para o presidente do Sindicato dos Motoristas, Antônio de Pádua, o passe livre é inviável e o protesto não resolve o problema. Ele alega que o reajuste é resultado dos aumentos nos custos de manutenção da frota. “Todos os insumos sofreram reajuste e isso tem que ser repassado para alguém”, enfatiza. O sindicalista cita o aumento do óleo diesel, salários dos motoristas e cobradores, custos com pneus como exemplo de insumos reajustados.

Coordenada – Estudante volta para casa a pé por falta de dinheiro para comprar passes escolares

O estudante Tomaz Mendes de Oliveira, 16 anos, aluno da 8ª série da Escola Estadual Maria Geni, no Centro de João Pessoa, era um dos mais entusiasmados do movimento. Ele disse que estava brigando, principalmente pelo passe livre, uma vez que é obrigado a caminhar a pé por mais de 12 quilômetros, três vezes na semana, por falta de dinheiro para comprar passes estudantis.

Tomaz mora com a mãe no bairro Cidade dos Funcionários I, disse que compra 2 talões de tickets estudantis por mês, o que não é suficiente para suprir a necessidade, por isso é obrigada a caminhar a pé. “Com esse aumento, vou passar a voltar todos os dias e não somente 3 vezes por semana”, destaca o estudante.

Nesta construção da informação, onde se buscam um cunho oficial, dados estatísticos e uma forma analítica de passar dados, percebemos que, neste texto jornalístico, falta a expressividade ou colorido comum às obras de arte., mas pode-se dizer que ele apresenta a cotidianidade e/ou cotidiano que é “um bom revelador do estilo da época, pois destaca muito bem como a existência é determinada pelo sentido do coletivo” (MAFFESOLI, 1995, p.65).

Para a confecção das matérias especiais, esses profissionais fogem um pouco desse quadro “cinzento” citado anteriormente. Aqui buscam o que chamam “humanização da matéria”.

Soltando-se desse padrão analítico, na construção da sua matéria especial do domingo, Paula sentiu que necessitava de algo mais, sentia carência de expressar sentimentos, de humanizar seu texto, de transmitir ternura, simpatia e compaixão, de forma a atrair e cativar o leitor para aquela informação. Buscou algo mais além da técnica ao retratar a vivência de uma criança de rua.

“Eu tinha dados de quantas crianças morrem por ano, mas isso todo mundo já deu. Eu tinha dados de quantas crianças estavam fora da escola, mas isso todo mundo já deu. Então eu tinha todos os dados que todos já deram. Não mereciam ser o lead da matéria. Como era uma matéria sobre o futuro das crianças, eu queria algo que, quando as pessoas lessem, ficassem sensibilizadas.”

O fazer jornalístico não é apenas exercido durante a ‘carga horária do trabalho’, mas em todo momento em que surge o fato que seja notícia.

“Na quinta-feira à noite, quando estou de volta do curso de inglês, encontrei com uma garota que pede esmola (...) quando eu vi a menina, bati o olho e disse: É ela a criança da minha matéria. Fui, sentei e comecei a conversar com ela.”

PARAÍBA, Sexta-feira, 19 de fevereiro de 2003

JORNAL DA

PARAÍBA

Menores sem perspectiva

Repórter : Paula

Repórter Fotográfico : Hildegard

O dia começa cedo para a menina Roberta de 9 anos. Ela é a segunda filha de uma família composta da mãe e mais 3 crianças que perambulam pelas ruas de João Pessoa, pedindo esmolas. A jornada só é encerrada depois das 21h, quando todos se reúnem e voltam para casa, um apartamento no condomínio Liberdade, mais conhecido como Torre de Babel, localizado na periferia da Capital. A realidade de Roberta é igual a de muitas outras crianças e adolescentes, frutos de lares desestruturados, que compõem uma massa de meninos e meninas com futuro incerto, uma espécie de infância destruída. Roberta não conheceu o pai, não frequenta a escola e todos os dias sai de casa com o propósito de arrumar comida, para ela e o restante da família que se ocupa da mesma empreitada. A mãe distribui os filhos em pontos estratégicos como a orla marítima, Mercado Central e Parque Solon de Lucena. O ponto de encontro no final do dia é uma parada de ônibus da avenida Epitácio Pessoa.

Durante o dia, nenhum contato entre os parentes e as crianças se alimentam de parte do que é recolhido através de esmolas. A mãe, empregada doméstica, está desempregada desde antes do nascimento de Roberta. Os irmãos são todos menores de idade, sendo o mais novo, um recém-nascido, filho de um presidiário. À noite eles levam para casa o que conseguem com a mendicância.

O futuro de Roberta é incerto como o dos irmãos. Eles são expostos diretamente a todos os perigos que a rua oferece como adultos mal intencionados, drogas, roubo, prostituição. Em sua inocência de menina de 9 anos, com aparência de 7, devido a má nutrição, Roberta diz que não tem medo de viver na rua. “Minha mãe disse que a gente podia pedir esmola, mas não deixar ninguém mexer por aqui”, disse apontando para a região genital.

O conselho da mãe demonstra uma preocupação que não condiz com a realidade a que a filha é exposta diariamente, mas que é reflexo da falta de

políticas sociais e investimentos na família. “Geralmente os menores em situação de risco vêm de lares sem estrutura, onde não são passadas noções de cidadania ou educação e em muitos casos a culpa não é nem dos pais, porque estes são frutos de outros lares com os mesmos problemas, constituindo-se em um ciclo vicioso”, explica o diretor adjunto do Centro Educacional do Adolescente (Cea), Flávio Fernando Vasconcelos Costa.

A emoção sentida por Paula, que ficou transparente na matéria *Menores sem perspectiva*, não está presente na que relatou a primeira teleaudiência, a primeira do gênero realizada em caráter oficial no país. Ela conta sua emoção ao sentir-se fazendo parte da história, atuando como agente no processo histórico, e nos relata a emoção da juíza que presidiu a sessão, porém os sentimentos presentes não são registrados em sua produção.

“Fiquei muito emocionada, me senti fazendo parte, testemunhando a história.”

As transmissões foram realizadas entre o Fórum e o presídio do Roger.

“Lembro da Juíza da Vara de Execuções Penais, que ela é durona, mas ficou emocionada quando deu a sentença lá pro presidiário”

Com os olhos mareados de lágrimas, afirmou:

“Ainda hoje você vai poder sair e ir para casa, só precisando retornar apenas para dormir no presídio.”

Ele passou para o regime semi-aberto. Apesar do sentimento de benevolência, clemência e compaixão, tão caracteristicamente descrito por Paula, próprio da natureza humana, presente no cotidiano, não se presentificou no seu produto – informação cotidiana.

“Outra matéria que me marcou muito foi quando vi pela primeira vez um cadáver fresco. Já tinha visto no IML (...) não gostei, claro, mas foi assim. Eu estava de plantão e recebemos a notícia de desova na praia de Jacarapé. Só tinha eu de plantão, tinha que ir. Ai quando chegamos próximo ao local, vimos os policiais e estacionamos o carro, a uma certa distância (...) carro estacionado na beira da pista, quando desci do carro quase pisei no cadáver. Fiquei chocada. O homem ainda estava com sangue vivo. Os policiais ficaram rindo de mim. Como você tem medo? Você não é repórter? Sim e daí, só porque sou repórter vou ter obrigação de me acostumar com isso. E eles lá, conversando, contando piada, como se nada tivesse acontecido.”

No exercício da profissão de construtores/produtores/contadores de (in)formação, muitas vezes esses sujeitos se defrontam com situações que despertam sentimentos de viva inquietação ante a noção do perigo, do fim de uma vida, como revelou Paula anteriormente. Sentimento com características próximas da revelada por Paula, também coloca Iamn, repórter que constrói a informação sob a ótica da imagem, que deverá comungar do mesmo conteúdo do material escrito, como forma de referendar as informações, tornando-as mais fortes ou até mesmo mais fracas (MORIN, 1986) para quem as consome, suprimindo uma necessidade imediata (XIFRAS-HERAS, 2003). Nessa direção, relata Iamn:

“Fui enviado pelo chefe de reportagem para o anel interno da Lagoa, onde estava acontecendo a abertura da Semana Nacional de Trânsito. Era uma manhã de sol muito quente. Lá chegando, não fazia a mínima idéia do que fazer em termos de fotos para registrar o evento. Na verdade não era só

registrar, pois um evento deste tipo pode parecer banal para alguns leitores. Eu precisava conseguir alguma imagem que chamasse a atenção, mas o quê?

Comecei a caminhar por entre alunos de escolas municipais que iriam desfilar para um palanque de autoridades. Também passei por bandas de fanfarras que faziam suas evoluções debaixo daquele sol infernal. Claro que tudo isso foi registrado pela minha câmara, como também o palanque cheio de autoridades na hora de cantar o hino nacional. Ma ainda não era essa a imagem que procurava.

Foi ai que vi um grupo de colégio, onde criancinhas de uns três, quatro anos, estavam vestidas de guardas de trânsito e seguravam cartazes feitos com isopor no qual estava escrito frases de segurança no trânsito. No meio destas crianças estava Arthur (tinha o nome dele numa etiqueta grudada em sua roupa). Pequeno, vestido de guardinha, com uma placa de isopor que não parava quieta, apesar da reclamação da professora. Essa pedia para Arthur segurar o cartaz direito, mas Arthur fazia mil peripécias com a mesma. A mais engraçada era quando ele, para se livrar do sol, colocava o isopor na cabeça. Quando vi essa cena tive certeza que a foto ideal seria Arthur segurando sua placa. Tinha certeza que a foto ia cativar a todos os leitores. De repente, passava um lance de patriotismo. O Arthur bem pequeno, no sol, mas cumprindo sua responsabilidade. Algo assim.

Já que só indico as fotos quando retorno da rua e os editores que decidem o que publicar, fiquei ansioso para ver o resultado. No outro dia procurei a foto no jornal e achei. Estava lá Arthur, segurando a sua placa, tudo bem que preto e branco, (página interna do caderno cidades, não foi capa do jornal. Foi capa do concorrente) mas muito bonitinho. Quando comentei com a editora de cidades se ela havia gostado de Arthur, ela se derreteu em elogios a criança. Todos na sala da redação concordaram que Arthur era muito cativante.”

Outras questões parecem latentes na construção da informação cotidiana, a exemplo das interrogações e suspeitas expressas pelas pessoas que, de maneira direta ou indireta, podem estar ou envolver-se com o fazer jornalístico no cotidiano, principalmente pelo fato de a informação cotidiana trazer em sua essência certos conteúdos simbólicos, algumas vezes de caráter publicista (XIFRAS-HERA, 2003), a exemplo das inscrições do Vestibular e PSS – Processo Seletivo Seriado da UFPB - 2004.

“Era o último dia de inscrição para as provas do PSS, como as pessoas gostas de deixar tudo para o última hora, imaginei como estaria a agência dos Correios. Para falar a verdade, não gosto de fazer esse tipo de foto, pois as pessoas ficam olhando e fugindo de você com a câmara. Já passava do meio-dia, essa seria minha última pauta do dia.

Entre na agência mais próxima da redação, para me livrar mais rápido. Tirei o crachá para não ser identificado de cara como fotógrafo. Também estava usando a máquina digital, que é bem pequena. Entrei no meio da fila onde estavam alguns alunos e comecei a fazer as fotos. Sem avisar, sem pedir permissão, sem maiores alardes. Bem paparazzi mesmo.

Notei que o último aluno da fila ainda folheava o manual do candidato. Sem que percebesse fiz a sua foto. Levei para a redação sem muitas pretensões, apesar de ter achado o resultado bem legal.”

“No outro dia, assim que cheguei a redação, fui chamado pelo chefe de reportagem que me mostrou a foto estampada na capa do jornal e ainda teceu elogios”.

Todavia, nessa construção também permeiam decepções, desilusões e sentimentos de perdas e inoperância, como podemos constatar na análise discursiva de Iamn, permitindo resgatar o tempo em que efetivamente se revela o conteúdo, que pode ou não abranger tudo o que é ou não atual, no sentido amplo da palavra, mas a ação que consegue recolher parte da mutação instantânea do cotidiano, não só o que é novo, mas o que permanece e que se

transforma, conforme revela Ortega Costales (apud XIFRA-HERAS, 2003, p.9): “o acontecimento inserido na presentificidade flui no tempo, a atualidade se fixa nessa presentificidade que se mantém e permanece independente do fluxo temporal”. Essa discussão fundamenta-se no cotidiano de Iamn, ao relatar seu esforço na construção da informação cotidiana.

“Fui enviado para uma cidade, na divisa com estado de Pernambuco, chamada Itambé. A cidade receberia naquele dia a visita da relatora da ONU, que viajava todo o mundo buscando subsídio para a produção de um relatório falando sobre a violência no mundo. Imaginem essa mulher, perdida numa cidadezinha no meio do nada.

Lá chegando descobri que era o único repórter fotográfico paraibano cobrindo a ocasião. Os outros fotógrafos presentes eram pernambucanos. Comecei a fazer o registro do evento. Pegar fotos da relatora escutando atenta o relato de alguma mulher que havia perdido um marido ou alguma mãe que perdeu o filho, todos vítimas de violência na cidade. Fiz fotos bem expressivas. Descobri que já não era o único paraibano fotografando.

Não tive a sorte de pegar nada tão importante para sair na frente da concorrência, mas tinha um material muito bom.

No outro dia, só a decepção. Todo o esforço de chegar cedo a cidade para não perder nada. Todos os flagrantes, poses expressivas. Tudo foi resumido a uma foto três por quatro da relatora da ONU na capa do jornal.

O cotidiano presentificado e revelado por Iamn parece referendar o que Heller (1970) denomina como espontaneidade, colocada em oposição àquilo que se efetivaria através do planejado, discutido, organizado e estruturado. Ao ilustrar a reportagem com uma imagem com tamanho insignificante para a relevância da informação, impõe ao sujeito um reação, que poderá apresentar-se de maneira fragmentada. Nessa perspectiva, Iamn revela seus sentimentos de medo.

“Era meu terceiro dia no trabalho. Deixando claro que essa [fotografar] nunca foi a vertente do jornalismo pela qual pensei em trabalhar. Como ainda estava me adaptando a nova função, estava acompanhado de outro fotógrafo do jornal, bem mais experiente. Ele me passava dicas de como utilizar o equipamento e também sobre ângulos, rapidez, imprevistos, enfim.

Estava quase no meio da manhã quando o chefe de reportagem saiu gritando no meio do corredor da redação que havia acontecido um acidente grave. Eu me perguntava, o que ele quer dizer com acidente grave. Minha resposta apareceu junto com a correria para o local do acidente. No caminho, o outro fotógrafo e o motorista comentavam que precisavam correr para pegar os corpos nas ferragens. Nesse momento eu já começava a gelar e pensar mil coisas.

Passamos por um carro do socorro do Corpo de Bombeiros. Sinal que as vítimas já haviam sido socorridas. A decepção do fotógrafo que me acompanhava foi perceptível. Ele falou: agora é mais fácil, tu faz apenas o local com o carro batido. Lá chegando, para meu desespero de principiante (terceiro dia de trabalho, repito) havia um corpo estirado no chão. Era o primeiro morto que vi na vida toda.

Estava passando mal. Gelado, com vontade de vomitar, tremendo. E ainda tinha de pensar uma pose legal para sair na foto. Meu desespero maior era quando o outro fotógrafo pedia para fazer fotos bem de perto, com o corpo descoberto. Eu tinha certeza que o jornal não publicaria tais fotos, mas ele falava que era necessário. Foi horrível. O cheiro era insuportável.” (grifo nosso)

Ao analisar o relato de Iamn, algumas questões ficam latentes, como por exemplo, a reação fragmentada de Heller (1970), que também concebe a possibilidade de escapar dessa

possível alienação causada pela espontaneidade, pela generalização ou pelo preconceito através do que a autora denomina de dimensão humano-genérica, em que há a superação que se efetiva através da “dialética da particularidade”, com o objetivo de privilegiar o bem comum, que, neste caso especial, congrega-se na qualidade da construção da informação cotidiana, denominada por Morin (1970) de informações fortes. Mesmo que o produtor da informação imagética não estivesse corroborando da idéia de fotografar o cadáver em pedaços, embora influenciado pelo repórter fotográfico mais experiente, Iamn revelou a atenção pelo bem comum, ou seja, a necessidade do registro imagético para o Jornal, e não, efetivamente sua particularidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender a construção da informação cotidiana no fazer jornalístico pressupõe o envolvimento dos sujeitos num processo interacional em que se envolvem e são envolvidos pelo cotidiano. Nessa perspectiva, constatamos que a construção da informação cotidiana operacionaliza-se através de práticas que se revelam no cotidiano e se apóiam em um processo técnico que lhe é específico, a técnica jornalística. Observamos o lado técnico, o lado produtivo, voltado a relações de mercado, as relações de poder, tão característico da indústria da produção da informação. Do lado oposto, pensamos no sujeito/homem enquanto construtor de informação que, para o exercer, faz uso de sua estrutura sócio-cognitiva. Nesse sentido, podemos inferir que esse processo contribui para a formação crítica desses sujeitos, que interagem em diversos ambientes e com outros sujeitos (redação, pesquisa de campo para a busca de dados, fontes e informações), o que ocorre a partir das relações profissionais cotidianas.

Observamos que, por trás desse fabricante de letras, construtor de informação, há um homem cujo sentimento se aflora, o que nos leva a considerar que a informação cotidiana não se constrói apenas com base no fazer técnico, mas do olhar, do sentimento, do acervo do conhecimento de quem a produz. Com este olhar, podemos distinguir pequenas operações individualizadas que se proliferam no seio da estrutura maior, organizacional, e alteram o funcionamento por uma multiplicidade de táticas e estratégias pessoais, articuladas sobre os detalhes do cotidiano e que superam a técnica oficial. Essa observação não implica um regresso ao indivíduo, ou a negação da teoria do cotidiano, que afirma ser a realidade humana construída coletivamente, não diz respeito apenas à ação individual, mas de observamos que em cada indivíduo atua uma pluralidade.

Com relação aos bastidores, cenário de sua produção, observa que é recheado de contradições, pois subtendemos que, para o processo de criação, necessitamos de silêncio, da concentração para o próprio ato de reflexão, porém a redação é um ambiente de barulho e constante movimento. Essa relação divergente, a nosso ver, constitui-se numa barreira para a produção das informações ricas, como diz Morin (1970), mesmo que esse cenário seja ‘normal’ para esses produtores.

A construção da informação cotidiana, no contexto da redação jornalística, pressupõe a utilização e a criação de diversas estratégias. Nesse sentido, a construção pressupõe uma atividade coletiva em que ocorre uma relação simétrica, ou seja, de correspondência, mesmo que imparcial, entre os integrantes do processo produtivo. Nessa perspectiva, informação cotidiana são as informações constantes em pauta necessárias à formulação dos cadernos em torno do qual gira o trabalho jornalístico, na tentativa de elaborar um produto final – O Jornal.

Assim, entendemos que a informação cotidiana é aquela que se fala, estabelece-se em pauta, elabora-se, discute-se, redige-se, fotografa-se, reinventa-se e se reescreve.

RÉSUMÉ

Cette étude analyse la construction de l'information quotidienne, dans la perspective des relations professionnelles, dans le contexte de la Rédaction Journalistique, spécifiquement dans la Rubrique Municipalités. Du point de vue méthodologique, un abordage qualitatif dans la perspective ethnographique a été adopté, en priorisant les aspects descriptifs, parfois comparatifs des données, associés à l'analyse de contenu selon la vision bardanienne.

Mots-clés:

INFORMATION

INFORMATION QUOTIDIENNE

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Christiana Daisy da Costa. **O Cotidiano e as letras das canções de Luta dos CD do MST**. <<http://brasil.indymedia.org/pt/blue/2002/10/37652.shtml>>. Acesso em 8 maio 2003.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. **A questão da informação**. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, n.8, v.4, p.3-8. 1994.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana. In: _____. **A Construção Social da realidade**. 13. ed. Petropolis: Vozes, 1996. p.35-68. (Antropologia, 5).

BROOKES, B. C. **The Foundations of information science**. Journal of Information Science, v.2., p.209-221, 1980.

FREIRE, Bernardina Maria Juvenal. **Paixão de (in)formar**: práticas alfabetizadoras no programa tijolo sobre tijolo – projeto escola Zé Pião em canteiro de obras. João Pessoa, 1999. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal da Paraíba.

GALLIANO, A. Guilherme. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

GOLDMANN, Lucien. Importância do conceito de consciência possível para a comunicação. In: **O conceito de informação na ciência contemporânea**: colóquios filosóficos internacionais de royaumont. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970, p.38-68.

GOMES, Henritte Ferreira. O Ambiente informacional e suas tecnologias na construção dos sentidos e significados. **Ci. Inf.**, Brasília, v.29, n.1, p.61-70, jan./abr. 2000.

GOMEZ, Maria Nélide González de. Século XXI, a informação e o profissional de informação. In: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO, 1996. **Anais ...** Londrina: Edições UEL, 1996, p.281-300.

HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. In: **O Cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970. p. 17-41. (Interpretações da história do homem, 2).

LEFEBVRE, Henri. **A Vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LUTFI, Mansur. **O cotidiano e o ensino da química**. Disponível em: <http://www.escolainterativa.com.br/canais/quero_passar/como/sites_temat/quimi/conte/quimi_conte22.html>. Acesso em 02 de Junho de 2003.

MACGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 206p.

MAFFESOLI, Michel. Estilo e cotidiano. In: **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995. p.63-85.

MORIN, Edgar. Saber viver. In: **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.21-188.

PINHEIRO, Edna Gomes. **Entre o sonho e a realidade**: a leitura/informação como contribuição de sentido no contexto do câncer infantil. João Pessoa, 2001. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal da Paraíba.

RUYER, Raymond. **A Cibernética e a origem da informação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. (Ciência e Informação).

SOUZA, Sonia Maria Ribeiro de. **Um outro olhar**: filosofia. São Paulo: FTD, 1995. 248p.

XIFRA-HERAS, Jorge. **A informação cotidiana**. Disponível em <<http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/relacoespublicas/teoriaseconceitos/0014.htm>>. Acesso em 13 de Junho de 2003.